

**a essência
do FDP
contemporâneo
brasileiro**

- uma conversa de botequim

paulo-roberto andel

**VILA
REJO**

**a essência
do FDP
contemporâneo
brasileiro**

- uma conversa de botequim

paulo-roberto andel

Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2018
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial
Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão
Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora
www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

A essência do FDP contemporâneo brasileiro

Vilarejo Metaeditora, 2018

ISBN 978-85-919292-6-9

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2018

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| O conceito de FDP | 07 |
| O cotidiano do FDP | 13 |
| O oportunismo do FDP | 19 |
| O egoísmo do FDP | 23 |
| O FDP no trânsito urbano | 27 |
| A memória e a ética seletiva do FDP | 33 |
| O FDP e a corrupção | 37 |
| O FDP a serviço das grandes corporações | 41 |
| O FDP e a ditadura | 49 |
| O FDP e o assédio | 53 |
| O FDP na fila | 57 |
| O FDP e a má vontade no trabalho | 63 |
| O FDP e o futebol | 65 |
| O FDP e a Era do Gelo | 69 |
| O FDP e a conta errada | 71 |

| | |
|------------------------------------|----|
| O FDP no elevador | 73 |
| O FDP e o telefone celular | 75 |
| O FDP no serviço público e privado | 79 |
| O FDP e os impostos | 83 |
| O FDP e a manipulação da religião | 87 |

O CONCEITO DE FDP

Antes que a expressão possa sugerir qualquer mal-entendido do ponto de vista do preconceito em relação ao sexo, ao gênero, à orientação sexual ou o que quer que seja, este livro pocket não trata do homem FDP, mas sim do *ser humano* FDP (*filhadaputa*). Há homens e mulheres no pleno exercício das suas condições FDPs, sem distinções e opções sexuais. No entanto, é preciso ter cuidado porque, num país machista e dotado de uma sociedade onde predominam valores morais arcaicos, preconceituosos e provincianos como o Brasil – em pleno verão de 2018 –, a mulher tende a ser mais atingida pelos efeitos da pessoa filhadaputa (macho ou fêmea) padrão.

Outro aspecto importante a ser considerado trata do racismo, como veremos mais adiante. O Brasil nutre

em seu território bolsões de segregação pela cor da pele e, portanto, o indivíduo negro muitas vezes é um alvo prioritário para os objetivos do FDP. O mesmo vale para a população LGBT, as classes economicamente mais desfavorecidas e mesmo miseráveis, além de inúmeras outras minorias oprimidas em todo o país.

É fundamental esclarecer que a expressão *filhadaputa* passa ao largo das profissionais do sexo, também conhecidas como garotas de programa e, na linguagem mais popularesca, putas. As GPs em geral são mulheres muito dignas e sofridas, num trabalho que as segrega em diversas situações, sob os mais diversos aspectos, e nem de longe se pode relacioná-las aos comportamentos mais abomináveis, grotescos e desumanos praticados pelo personagem central desta obra. A pior de todas as meretrizes é muito

mais digna do que qualquer *filhadaputa*, sob qualquer hipótese.

Muitas vezes, ser *filhadaputa* pode estar atrelado a condições socioeconômicas, uma vez que vivemos num mundo onde o dinheiro é o principal interventor nas relações pessoais, sociais, políticas e de outras jurisdições. Então, a *filhadaputice* praticada pela força do dinheiro é uma constante, mas está longe de ser a única vigente: é possível ser *filhadaputa* em qualquer lugar, até mesmo nas mais aviltantes condições de vida, ainda que, justamente nas camadas populares mais oprimidas pela força econômica, é onde geralmente se encontra a mais expressiva solidariedade ao próximo.

Este *pocket book* foca a compreensão do *filhadaputa* no caso brasileiro por conta da experiência e vivências pessoais do autor, mas é

natural pensar que fale também de questões universais. Se o mundo está como hoje o vemos – um antro de FDPs -, é porque ele se tornou uma absoluta expressão da população *filhadaputa* em todo o planeta. A livre inspiração que alimentou as páginas a seguir vem da leitura do livro “Discurso sobre o filho-da-puta”, obra clássica do intelectual português Alberto Pimenta, publicada em 1977.

Assim sendo, embora aqui a ênfase seja no Brasil, ser *filhadaputa* é um estado de espírito que atravessa fronteiras e continentes com velocidade devastadora. Mas que fique bem claro: o *filhadaputa* NÃO é o padrão do brasileiro. Longe disso: num país com imensas desigualdades sociais - campeão mundial da má distribuição de renda -, a maioria do povo é composta por gente trabalhadora, sacrificada de forma permanente, mas que se submete a

tudo de ruim por conta da própria honestidade. Acontece que certa quantidade de *filhasdaputa* está em todos os setores da sociedade brasileira, com maior ou menos concentração conforme cada caso, emperrando o progresso coletivo e favorecendo ninguém que não seja ela mesma, além de um grupo de *filhasdaputa* periféricos, necessários para a prática do *filhadaputismo* em geral.

O COTIDIANO DO FDP

Em casa, nos arredores da própria residência, no transporte coletivo, no trabalho, na faculdade, no clube, nas grandes cerimônias, no comércio, no mundo corporativo, esportivo, artístico, em qualquer lugar o *filhadaputa* tem diversas maneiras de se expressar e alcançar seus objetivos torpes.

Não há distinção para o FDP entre surrupiar um produto do supermercado sem pagá-lo no caixa ou desviar cinquenta milhões de reais numa licitação pública superfaturada – guardados por mero exemplo num apartamento vazio de uma grande capital do país -, ou desligar o tubo de alimentação de um paciente terminal para provocar sua morte e lucrar com a comissão da funerária: ele, *filhadaputa*, precisa ter para si a

vantagem pessoal em QUALQUER SITUAÇÃO, fruto de um desejo de supremacia infinita ou da necessidade de se mostrar superior, ou ainda do progresso financeiro em qualquer situação por meios ilícitos, antiéticos ou que descumpram as normas de civilidade e urbanidade. É passar por cima dos outros e foda-se o resto.

Ao *filhadaputa*, não basta a vitória, mas é preciso ter a certeza absoluta de que o controle do jogo está em suas mãos. Seu comportamento geralmente atende a duas vertentes: ou ele pratica seus atos de forma tímida, quase escondida, para que ninguém perceba, ou de forma explícita, gritada, crua, podendo até ser agressiva para demonstrar poder – um *filhadaputa* típico tem verdadeira paixão em gestos de autoafirmação, principalmente na era das redes sociais. Gritar, escrever ou postar

qualquer porcaria ofensiva ou opressora é mais importante do que qualquer motivo em questão. Aparecer é muito mais importante do que ser ou realizar. Um autêntico FDP tem obsessão pela própria notoriedade, que acredita ser fama.

Um exemplo simplório: na sala de casa com a família ou amigos, contrariado com o programa de TV, o bom *filhadaputa* espera a distração coletiva para mudar o canal e atender a satisfação de seu interesse pessoal, caso opere pelo modo discreto. Se for um FDP mais vaidoso, ele simplesmente pega o controle remoto, diz “ESSE PROGRAMA É UMA MERDA”, aperta as teclas e deixa bem claro que ali quem manda é ele, pouco importando a opinião dos outros – um *filhadaputa* que se preze não pode pensar em gastar um segundo com o pensamento alheio – ele tem é que pensar em si mesmo o tempo todo, em

seus benefícios, conforto, vantagens, lucro, ascensão. O outro é um objeto que, se for necessário, poderá ser utilizado e naturalmente descartado quando não tiver mais importância. Com muita sorte, o outro pode ser considerado um escravo. O verdadeiro FDP não tem pessoas à sua volta para conviver, mas sim para lhe servirem.

Que fique claro: para o FDP, ele é SEMPRE o centro do universo e revogam-se todas e quaisquer disposições em contrário. Nada pode deter suas atitudes no sentido do benefício próprio, primordial e absoluto.

Oportunismo a mil. Não importa se é apenas um bombom a ser roubado em cima da mesa da sala enquanto o dono da casa vai à cozinha, ou se um arquivo de computador do companheiro de trabalho pode ser sabotado. O troco a

mais dado por engano pelo caixa do supermercado. A fila furada na cara de pau. O gol de mão ou com falta clara não marcada. O *filhadaputa* é onipresente no exercício de sua *filhadaputice*, em todas as questões possíveis onde ele possa levar vantagem e não se sentir um *filhadaputa*, mas apenas O vencedor, O melhor, O ser supremo, mesmo que seu pequeno universo nem dê lucro financeiro – pode ser um lote de likes, por exemplo.

A grosso modo, o *filhadaputa* é um ávido caçador de oportunismos vis para o desenvolvimento de todo o planeta Terra, desde que ele seja o único habitante, abençoado por Deus e lindo demais por natureza, herdeiro inquestionável. Precisa ser o único vencedor, o iluminado, o senhor supremo de todas as coisas e lugares. Se estiver na selva, danem-se o leão e o elefante, o jacaré e a cobra: a

prioridade é a maximização do bem estar dele. Se estiver num ônibus lotado, que os outros se apertem para que ele tenha mais espaço. Se faltar luz no prédio, ele quer imediatamente o restabelecimento da energia para seu apartamento, sem qualquer importância a respeito dos outros condôminos.

Tudo, claro, dentro das regras universais de cinismo e hipocrisia em sua plenitude. O verdadeiro FDP tem doutorado nestas ciências da escrotidão; é um acadêmico do mau caratismo, da usura e do egoísmo.

O OPORTUNISMO DO FDP

A um legítimo *filhadaputa*, não basta exercer sua *filhadaputice* em situações pontuais: é preciso aproveitar todas as ocasiões possíveis, SEM EXCEÇÕES. Uma vírgula que seja perdida é uma bomba de Hiroshima contra a própria cabeça de um legítimo FDP.

Uma fila que possa ser furada, um troco a mais que jamais deve ser devolvido, um objeto emprestado a fundo perdido, a compra de um artigo com seu preço extremamente subfaturado, a chance de derrubar uma colega de trabalho em uma promoção profissional. Nesses e em outros vinte mil casos, o FDP precisa estar sempre com o alerta máximo para não perca um milímetro de vantagens que possam surgir pelo caminho.

Existe uma diferença natural entre aproveitar oportunidades e ser oportunista. O *filhadaputa* faz questão de tratar uma como se fosse exatamente a outra, agindo com o mais completo cinismo caso alguém venha questioná-lo a respeito. Quando a boa oportunidade surge, de maneira limpa e com finalidades idem, é natural que o ser humano tente aproveitá-la.

Definições de oportunismo: *tendência, prática ou política, de tirar proveito de ou acomodar-se a oportunidades, circunstâncias ou fatos, frequentemente em transigência ou em detrimento dos princípios ou de normas; comportamento de quem pauta sua conduta segundo as circunstâncias, de quem subordina os próprios princípios a interesses casuais.*

A oportunidade deve ser aproveitada dentro de normas ou princípios sociais, legais e congêneres. Já para o *filhadaputa*, não: as normas e demais estabelecimentos de convívio é que devem ser adaptadas a ele e a seus objetivos. Se for o caso de rasgá-las, fato infelizmente comum no Brasil desde que a nobre terra alvissareira atendia pela designação de Pindorama, nenhum problema.

Disse um notório FDP em certa ocasião: “Mudar regulamento não é pecado”. É preciso procurar todas as brechas, os subterrâneos, o que for possível e impossível para que a individualidade do *filhadaputa* sempre se sobreponha ao coletivo, sem concessões. O particular precisa estar sempre acima do público, não importando o motivo, a razão ou o resultado.

O EGOÍSMO DO FDP

Vamos ao dicionário: Egoísmo é *um substantivo masculino que nomeia um amor próprio excessivo, que leva um indivíduo a olhar só para os suas opiniões, interesses e necessidades, e que despreza as necessidades de terceiros. Um exclusivismo que faz o indivíduo se referir tudo a si próprio. É um orgulho, uma presunção. A pessoa que trata apenas de seus interesses, que carrega consigo os sentimentos do egoísmo é adjetivada de egoísta.*

Assim definido, o egoísmo é o verdadeiro oxigênio de um dedicado *filhadaputa*, sem o qual ele não tem condições de sobreviver. “Eu em primeiro lugar, eu em segundo lugar; eu em terceiro, quarto, décimo-nono, septuagésimo-terceiro lugar. Foda-se o resto da humanidade!”

Dividir, jamais: o FDP é um acumulador por excelência. Todas as posses físicas e abstratas devem ser obrigatoriamente dele, que ocupa um lugar especialíssimo na Terra e não pode perder tempo com qualquer outro ser humano.

O egoísmo é uma faceta agravada no Brasil por ser um país onde, historicamente, certa elite econômica teve sempre a prioridade das riquezas e meios de produção, enquanto a maioria sobreviveu com migalhas. Continuamos assim em 2018, mesmo com alguns avanços políticos no sentido da distribuição de renda em tempos passados – antes do golpe sujo -, que deveria ser um dos pilares do modelo capitalista, mas nem sempre – ou quase nunca – acontece. E como esta mesma elite sempre teve para si todas as benesses, em determinadas ocasiões

ela até se incomoda com pequenos progressos dos mais pobres.

Um exemplo clássico do desconforto elitista brasileiro já foi comprovado em revistas, jornais e TV por conta do aumento do número de passageiros em nosso sistema aeroviário: na primeira década e meia do século XXI, em vários jornais brasileiros os colunistas sociais criticaram asperamente a lotação dos aeroportos, inclusive com expressões jocosas dirigidas aos novos frequentadores do transporte aéreo – os oriundos das chamadas classes econômicas C e D que, com parcelamentos, passaram a usar aviões pela primeira vez na vida, trazendo para os saguões de aeroportos o comportamento popular que sempre tiveram em suas vidas, fato que causou verdadeiro horror a alguns grupos familiares de sobrenomes tradicionais: “AGORA A

MINHA EMPREGADA VIAJA NO MESMO AVIÃO QUE EU”.

Convencionou-se que, no Brasil, aeroporto era lugar exclusivamente de gente rica. Quer algo mais *filhaputa* do que isso?

O FDP NO TRÂNSITO URBANO

Quando se trata de trafegar em veículos automotores nas grandes cidades, está configurada uma das expressões seminais da *filhadaputice* contemporânea brasileira.

O Brasil priorizou as estradas e ruas, principalmente a partir do fim dos anos 1950. Consequentemente, o número de motoristas aumentou drasticamente, tanto para o transporte individual quanto o coletivo. Repetindo um problema das principais metrópoles do mundo, as grandes cidades brasileiras hoje em dia possuem congestionamentos quilométricos permanentes, tumultos, a enorme dificuldade para se estacionar e outras mazelas. Ah, e muitos motoristas com habilitações falsas...

A boa conduta determina que, se você estiver numa via engarrafada que disponha de cruzamento e, ao olhar à frente, tudo estiver parado, fique com seu veículo onde está, no máximo antes da faixa de pedestres.

Você, uma pessoa legal. O *filhadaputa*, não: mesmo sabendo que não existe a menor possibilidade de avançar, ele atravessa o carro no meio do cruzamento. O pessoal da rua transversal que se dane. Basta um único exemplar da espécie e o caos estará formado num horário de rush.

O trânsito às vezes alimenta instintos primitivos e, como em todos os lugares, suscita um conflito de classes.

O motorista do belo carro importado acredita que a faixa de trânsito é propriedade dele, que todos devem sair da frente para que o imperador do automobilismo desfile

com suas quatro rodas potentes, incensadas por um motor envenenado.

Em alguma esquina do destino, o piloto de elite se depara com um ônibus, cheio de trabalhadores, mas conduzido por um motorista *filhadaputa* que, embora oprimido social e economicamente, ali quer exercer a sua única possibilidade de poder, freando e acelerando bruscamente em espaços mínimos, fazendo ziguezague com o veículo, também parando cruzamentos de propósito. “Eu é que dirijo!”.

Lado a lado, separados por milhões ou centenas de milhares de reais, formações, vivências, expectativas e explorações, apenas uma coisa une os dois motoristas: a *filhadaputice* plena. E então quase batem um no outro – ou batem mesmo -, numa espécie de UFC viário

do mais fino primitivismo. Acontece a toda hora em qualquer grande cidade do Brasil, 365 dias por ano, sete dias por semana.

Exemplo típico do *filhadaputa* urbano à frente de um volante particular: a briga pelo estacionamento. Um senhor manobra com certa dificuldade após ter encontrado uma vaga. Vai para a esquerda, a direita, e quando tenta voltar... VRRRUUUUUUMMMMMM! Outro carro entrou à sua frente e estacionou na maior cara de pau, como se nada tivesse acontecido.

Pouca coisa é mais ignorada neste Brasil varonil do que vaga em estacionamento de *shopping centers* para portadores de necessidades especiais. Um *filhadaputa* padrão ocupa a vaga, mesmo já tendo visto a sinalização, estaciona e logo sai assobiando tranquilamente – não viu

nada, claro. Mas também há o *filhadaputa* constrangido, que para o carro com se estivesse na porta do cemitério e deixa o veículo com ar sorumbático. Na volta, pede mil desculpas pelo erro que, na próxima oportunidade, será repetido com toda a ânsia calhorda no retorno ao estacionamento comercial.

Tempos atrás no Rio de Janeiro, além de outras cidades brasileiras, houve um grande conflito por causa do novo serviço de passageiros Uber – este, com grande aceitação de seus usuários. Os motoristas de táxi convencional chegaram a agredir os concorrentes, além dos próprios passageiros que tentava utilizar a nova modalidade de transporte. Quem mora na Cidade Maravilhosa está mais do que acostumado ao festival de mau comportamento dos taxistas no melhor padrão *filhadaputa*: escolhem corridas, não fazem trajetos curtos,

alguns sequer param o carro se o passageiro não estiver com trajes mais refinados, inventam percursos alternativos muito mais longos do que o normal, enganando turistas. Embora mais caro, o que cativou a clientela da Uber num primeiro momento foi a junção de qualidade do atendimento com a educação dos motoristas e o conforto dos automóveis. Melhorar o serviço de táxi? Nem pensar. E tome porrada.

Mas, como nem tudo são flores, a Uber não recolhe impostos e, a cada dia que passa, recebe mais motoristas de táxi em seus quadros. É ou não a apoteose da *filhadaputice* plena?

A MEMÓRIA E A ÉTICA SELETIVA DO FDP

“O que é bom a gente mostra, o que é ruim a gente esconde”.

Ética é ética. Por definição, é o conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade. Trata-se de um conjunto permanente, pois.

No entanto, uma característica típica do *filhadaputa* brasileiro é a ética seletiva, que vale quando lhe convém – especialmente em opiniões preconceituosas, excludentes etc - e pode ser esquecida em determinadas efemérides. Resumindo: o autêntico suprassumo da hipocrisia. Só vale quando lhe é oportuno.

O candidato eleito do *filhadaputa* nunca foi envolvido em

atos de corrupção, mesmo que haja dezenas evidências a respeito – às vezes, nem um helicóptero cheio de cocaína faz o desgraçado refletir sobre. Somente o candidato do outro é que rouba descaradamente. Ah, geralmente ele diz não ter partido (é uma excelente tática para não se indispor em público), mas está “do lado do Brasil”. Resta saber que Brasil é esse...

O time de futebol do *filhadaputa* nunca foi beneficiado por estranhos acontecimentos dos bastidores; virada de mesa é somente com o outro. Ninguém se lembra das papeletas, dos ladrilheiros e de outros azares do jogo.

A bela filha namoradeira do *filhadaputa* é uma jovem na flor da idade, já a do vizinho é uma “piranha sem-vergonha”.

O afilhado da vizinha é um “veadinho”; o próprio filho é “sensível”.

Julgamentos, apedrejamentos, tribunais, preconceitos.

Lembra daquele deputado que abomina os gays e diz as maiores barbaridades em defesa da segregação sexual, mas que quando há indícios de que é propineiro, seus eleitores se calam como num velório? Ele mesmo não dá um pio e desconversa, é um FDP nato.

No ambiente de trabalho, o *filhadaputa* alardeia aos quatro cantos que é preciso economizar água. ESTÃO MATANDO O PLANETA! O discurso exterior é belíssimo. Em casa... duas horas de chuveiro e tome hectolitros para lavar o carro na garagem.

A TV mostra roubos de carga, assaltos, morte. O *filhadaputa* parece indignadíssimo, mas é claro que sua memória seletiva não lhe deixa lembrar que ele adora comprar

produtos contrabandeados ou roubados – e se orgulha em não ter feito papel de otário, pagando muito mais.

E quando o FDP vocifera contra a traição da mulher numa cena de novela, dizendo que é imoral, absurdo, um desrespeito inaceitável, mas não se furta a enganar a própria esposa com a secretária do trabalho ou a estagiária de 21 aninhos?

O FDP E A CORRUPÇÃO

No Brasil dos tempos atuais, a corrupção é o assunto dominante – pensando bem, nunca deixou de ser. Televisões e demais meios de comunicação, mesas de bar, grandes reuniões em salões nobres, convescotes de birosca e até na boca de fumo – em todos os lugares se fala disso. Curioso é que o tema é sempre tratado como algo “de lá” em vez de “cá”, em plena era do golpismo.

O *filhadaputa* brasileiro em geral faz um discurso permanente contra a corrupção (sempre em nome da família ou de Deus...). Alguns fundamentalistas dizem que, no combate ao mal maior, é preciso até varrer o comunismo do Brasil (por favor, não ria!). Mas disso se aproveitam outros tremendos *filhasdaputa*, ligados ao nazifascismo,

que esperam o primeiro momento de uma passeata de rua ou uma movimentação qualquer para divulgar suas ideias odiosas e antidemocráticas, numa brecha maldita.

Interessante também é verificar a incrível desfaçatez com que o *filhadaputa* médio no Brasil trata o tema. Elege candidatos sem pesquisar suas biografias, depois se surpreende com os “escândalos” e, por fim, vocifera contra a corrupção, mas costuma esquecer-se por completo de seu cotidiano corrupto, como se o político eleito fosse “o verdadeiro corrupto” e só.

Aquela caixinha para aliviar a multa – o popular “café” -, um trocado para o porteiro fingir que não viu a garota que viu ao seu lado na garagem, a gorjeta para o acesso a

documentos protegidos, o suborno, o jeitinho.

O troco a mais embolsado silenciosamente. A venda do carro cheio de problemas elétricos e mecânicos como se fosse novo. A venda do apartamento cheio de infiltrações enganadas com tinta fajuta.

Ao tratar da corrupção no Brasil, o *filhadaputa* padrão percorre todo o seu limite geográfico de hipocrisia, onde acredita caber um rol de normas morais a um grupo, enquanto para outro grupo caberiam outras normas morais.

Dissimulação.

A incapacidade de enxergar em si próprio os defeitos que tanto costuma apontar em outros indivíduos.

A capacidade de olhar para tudo o que aí está e fingir que não é nada com ele.

O FDP A SERVIÇO DAS GRANDES CORPORAÇÕES DE COMUNICAÇÃO

“Com o tempo, uma imprensa cínica, mercenária, demagógica e corrupta formará um público tão vil como ela mesma.”

Joseph Pulitzer

Parece natural imaginar que, no mundo da informação, os interesses econômicos e políticos sirvam de leme dos mares a ser navegados. O Brasil alimenta isso desde sempre, e não é à toa que sempre dispôs de monopólios de comunicação diretamente ligados aos momentos mais conturbados do país, com lucros para todos os participantes. Em brevíssimo resumo, praticamente nada do que se lê é 100% fidedigno ou comprometido exclusivamente com a qualidade da

informação. Pelo contrário: em todos os segmentos da sociedade, pode-se perceber o quanto a imprensa influencia em decisões que nem sempre são as mais democráticas, menos ainda quando se trata de interesse popular. Salvo raros casos, as grandes corporações de mídia estão diretamente ligadas às elites econômicas que controlam 90% da riqueza nacional, deixando os outros 10% como lavagem para que o povo seja tratado como porcos no chiqueiro.

Na política, no esporte, na economia, na arte, na religião, no cotidiano, o poder da imprensa quando mal utilizado pode provocar terríveis consequências a um povo inteiro.

E onde entra o *filhadaputa* neste cenário? Simples. Num exemplo hipotético, um respeitável empresário

de comunicação FDP não está nem aí para o progresso do Brasil ou a ajuda na construção de uma sociedade mais justa e plural. O que lhe interessa é somente acumular dinheiro e poder. Se for preciso aliar-se ao que há de mais espúrio, escroque e vil, o fará sem constrangimento. Mas para montar uma estratégia vitoriosa neste sentido, ele precisa de inúmeros outros *filhasdaputa* que possam fazer o serviço sujo: manipular a opinião pública por meio de estelionato jornalístico, visando favorecer os sócios e prejudicar os demais.

Geralmente os cooptados de grande porte para o exercício desse estelionato são tratados como próceres do jornalismo. Não importa que tenham carreiras opacas, textos sem viço ou mediocridade visível: logo serão alçados à condição de importantes formadores de opinião. E escreverão o que o patrão determinar,

é claro. O jornalismo passa a ser peça publicitária de baixo teor moral. O leitor/espectador teleguiado nada questiona, e não deixa de ser um *filhadaputa* por isso.

Abaixo dos falsos próceres, há inúmeros outros *filhasdaputa* que alimentam a cadeia de manipulação, agindo como eficientes soldados da desinformação, divididos em duas categorias: *filhasdaputa* assumidos, que o fazem não somente pelo emprego, mas por defenderem a tese de que o Brasil deve ser um país de castas, geralmente abrigadas em bairros nobres como o Leblon, o Brooklin e a Savassi por exemplo – E O RESTO QUE SE EXPLODA; e os *filhasdaputa* enrustidos, ansiosos por ser *filhasdaputa* declaradamente, mas que, na verdade, pertencem ao baixo clero da comunicação e ali ficam em troca do salário e pequenas benesses. Em volta, jornalistas que não são

filhasdaputa, mas que ou se submetem ao modelo escravocrata ou abandonam a profissão, ou ainda os que conseguem trabalhar em poucos setores onde não prevaleça a manipulação da informação.

No jornalismo brasileiro é fácil identificar o FDP: ele sempre defende, de forma clara ou nublada, os interesses de uma minoria poderosa. Em seu texto, prevalece a ideia de que o ali defendido é o “certo”, o “justo” e o “ideal”, como se todos os problemas do Brasil coubessem numa matéria ou coluna que, no dia seguinte, pode ser útil no máximo para ferrar a gaiola do papagaio. Muitas vezes, utiliza o status de jornalista como uma espécie de imunidade constitucional, ofendendo os que lhe criticam, mas não aceitando réplica ou contestação de forma alguma. Caso infrinja a lei e o ofendido entenda buscar seus direitos através

de ajuizamento, imediatamente apela para o argumento da “censura” e da “liberdade de expressão” – ou seja, o jornalista *filhadaputa* acha que somente ele tem o direito de falar e escrever o que quiser, pouco importando se os efeitos de seu “trabalho limpo” podem arruinar a vida de terceiros, alguns destes inocentes em determinadas situações. Alguém se lembra da Escola Base, terrível caso de insano e injusto apedrejamento midiático ocorrido em São Paulo, no ano de 1994?

O bom jornalista FDP é um laçao infalível dos interesses do patronato: defende com unhas e dentes o time, o partido, o governo, o setor econômico, o setor financeiro, o educacional, o de saúde, o gênero musical, o literário e todos os demais que, de alguma forma, gerem LUCRO FINANCEIRO à empresa jornalística. E somente isso importa. Às favas com

os escrúpulos! Trata-se de um negócio e não de um compromisso profissional com os princípios da ética e da fidedignidade. A ele, FDP da informação, cabe o papel de agente da manipulação da opinião pública: com seu texto ou fala, ele é quem deve fazer com que os leitores e espectadores concordem com as “ideias espontâneas”, meras fachadas para benefícios particulares, de modo a fazer prosperar um clima de paz e aceitação natural dos interesses pessoais sobre os públicos.

O FDP E A DITADURA MILITAR-EMPRESARIAL DE 1964

Há mais de meio século, um dos mais grotescos acontecimentos políticos do Brasil ainda deixa marcas terríveis na sociedade brasileira.

Embora oficialmente a ditadura militar-empresarial tenha sido encerrada em 1984 (ou em janeiro de 1985), seus efeitos até hoje são maléficos para o Brasil, podendo ser percebidos em vários momentos: o descaso para com o próximo, certa indiferença em aspectos da política que não sejam os da obrigação do voto, a limitação de grandes debates nacionais. Nada foi à toa: o próprio período ditatorial tratou de isolar as cabeças pensantes do país, impedindo que os estudantes das grandes faculdades e universidades se organizassem para trocar experiências

– quanto mais gente pensando junta, mais problemas para o regime.

Da suposta redemocratização até os dias atuais no Brasil do golpismo sujo, em diversos momentos nas manifestações populares, em especial as que estão mais alinhadas com os setores conservadores, basta um estalar de dedos e ploft: lá está um grupo de *filhasdaputa* defendendo “intervenção militar” no país, sob a alegação de que “naquele tempo a gente era feliz e não sabia”. Ora, tal conceito de felicidade só poderia advir de gente com extremo grau de *filhadaputice*, se nós pensarmos nos milhares de brasileiros e brasileiras que foram presos, torturados, estuprados, mutilados e assassinados “em nome da lei e da ordem”, num violento regime de exceção onde as mínimas garantias individuais eram suprimidas. Censura para todo lado, choques de ordem, “ame-o ou deixe-

o”. Cemitérios clandestinos cheios de ossadas. Filhos que cresceram sem a presença de pais, tios, avôs, irmãos, primos. Como sempre, o reflexo de um velho pensamento elitista onde cabe à ralé sobreviver, enquanto os grandes barões diplomados pela meritocracia aproveitam suas belas terras como pequenos principados ou as velhas capitanias hereditárias.

Quem defende regimes ditatoriais, lesivos às cartas constitucionais, que em nome do Estado legitimam a violência e o crime, é por excelência integrante do Estado-Maior da *filhadaputice*, uma espécie de *remake* putrefato dos admiradores do Absolutismo reinante em séculos passados.

O FDP E O ASSÉDIO

Nas empresas públicas e privadas, nas repartições e autarquias, nos clubes, nos espaços particulares, em qualquer lugar onde o *filhadaputa* tenha voz de comando, o assédio é uma realidade.

Seja o moral, constringendo e humilhando subalternos; seja o sexual; seja o intelectual ou de diversos formatos, ele é uma forma de expressão clássica a ser exercida pelo *filhadaputa*: não lhe basta ter o dinheiro e o poder (quando é o caso de alto comando), ele **PRECISA MOSTRAR** quem manda, tanto para satisfazer sua mente doentia quanto para que os demais o temam. Respeito para quê?

O *filhadaputa* exemplar, em nome do cargo, ameaça, assedia, acoessa, humilha, malversa, calunia e

faz de tudo para conseguir ostentar a razão de ali estar. Pode ser o chefe da repartição, o filho do dono da empresa, o próprio dono, o empregado puxa-saco promovido, o coronel, o diretor do hospital, o assessor do governador, a gerente da loja de roupas, o supervisor hospitalar, o guitarrista da banda e N outras possibilidades.

Neste formato típico de *filhadaputice*, em determinadas ocasiões, o assédio pode ser verticalizado em classes, setores, subsetores e congêneres. Numa grande estrutura de empresa, com diversos diretores, chefes, gerentes e assistentes, conforme cada caso, a disseminação da *filhadaputice* é mais intensa. No entanto, há uma regra hierárquica: cada *filhadaputa* tem uma limitação de poder, com exceção do número 1, que é o maior de todos os *filhasdaputa*, a qual todos os

outros são subordinados – e acontece de um *filhadaputa* do baixo escalão ser assediado por outro de maior patente.

No Brasil, algumas frases deixam bem claro o *modus operandi* do filhadaputa nas questões de assédio: “Você sabe com quem está falando?”, “Quem manda nessa porra sou eu!”, “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”, “Que muito obrigada, que nada: pode ir abaixando a calcinha aí!”.

O assédio sexual já foi cantado e decantado, mas só passou a ser passível de punição legal em tempos recentes. Sua expressão mais conhecida é o famoso “teste do sofá”, supostamente ficcional, aplicado a jovens e belas mulheres que quisessem começar a trabalhar na televisão: para o papel ser aprovado, bastaria uma relação sexual com um

poderoso de ocasião da emissora de TV.

O tempo, a modernidade e o arejamento das ideias tornaram o “teste do sofá” unissex. Belos homens iniciantes na carreira também, encantando diretores de TV.

Por outro lado, há quem jure que é tudo conversa fiada – e quem afirme categoricamente que teve que passar pelo ritual, para ser alguém no mundo artístico.

O FDP NA FILA

Eis aqui um verdadeiro *stardard* do FDP tupiniquim, uma *madeleine*. Um caso clássico de *filhadaputice* brasileira está na fila, conhecida em Portugal como "bicha". Nela, alguns dos instintos mais primitivos são revelados pelos nativos desta terra, todos no sentido de furá-la e levar vantagem sobre as outras pessoas.

Pode ser num show de rock, no supermercado, numa padaria, no cinema, na loja de departamentos em épocas de consumo intenso, nos transportes de massa. Em todos estes casos, a fila é uma realidade. E o *filhadaputa* fará tudo para furá-la, mostrando então que é superior aos reles mortais que respeitam regras. É preciso ser sempre o primeiro, não importa como.

Nas agências lotéricas e bancos, geralmente a fila é única. Claro que o *filhadaputa*, ao avistá-la, finge não entender bem o que está acontecendo – COM UM MONTE DE PESSOAS REUNIDAS ORDENADAMENTE -, vai entrando devagar e, *plaft!*, descamba no primeiro guichê livre. Se ninguém da fila protestar, a cara de pau fica estampada e dá tudo certo.

Em casos de filas paralelas, vide os supermercados por exemplo, o *filhadaputa* é sempre um lutador. Se deixarem, ele tenta furar cinco filas simultaneamente, quase passando com seu carrinho por cima da cabeça dos outros clientes: afinal, é um iluminado e precisa chegar em casa com suas compras antes de todo mundo.

No Maracanã ou num grande estádio de futebol qualquer, depois de muitos anos de *filhadaputice* extrema

nas filas de compra e acesso, adotou-se o modelo de fila única em cada setor. Mas aí a *filhadaputice* é transferida para outras causas: a maldita leitora eletrônica de ingressos que não registra a entrada, o funcionário que não entende a reclamação do torcedor, o policial que intervém antes de raciocinar. Direta ou indiretamente, a fila é um monumento sagrado do *filhadaputa*, atraindo-o como um urso ao favo de mel.

E não se pode esquecer dos *filhasdaputa* que passam ingressos para os cambistas, esta verdadeira casta da *filhadaputagem* que assola o país. E nem das modernas arenas, construídas para a Copa do Mundo de 2014 às custas de muita corrupção, o que é um verdadeiro mar de *filhadaputagem*.

Golpe famoso na furada de filas: ir até a entrada ou atendimento, ou guichê para "pedir informações".

Anos atrás, foi aprovada no Rio uma justa lei que permitia o atendimento prioritário de idosos em estabelecimentos com filas. O motivo era de muita dignidade, mas todos sabemos que a atividade *filhadaputa* está em todos os lugares: rapidamente algumas pessoas que não tinham ainda 65 anos de idade começaram a, "desavisadamente", pegar as senhas para idosos. Algumas empresas passaram a contratar idosos para seus serviços de mensageiros, o que seria excelente para a geração de empregos para a Terceira Idade, não fosse o objetivo primordial de ganhar tempo nas filas em vez de fortalecer o trabalhismo brasileiro. Claro, pagando menos aos funcionários contratados.

Os problemas nas filas de pessoas são repetidos nas de automóveis, com as devidas peculiaridades. Em ambas, o ser humano está presente e, logo, o espírito *filhadaputa* também.

O FDP DE MÁ VONTADE NO TRABALHO

Todo mundo conhece um.

Ele é bem fácil de identificar num setor de trabalho: geralmente ocupadíssimo com tarefas simplórias, ele é incapaz de ajudar colegas sobrecarregados em qualquer ocasião.

Último a entrar e quase voa no relógio de ponto eletrônico quando chega a hora da saída.

Também conhecido pela pecha de “imprestável”.

Volta e meia está sempre a propagar sua grande atividade profissional, que lhe sufoca, como se todos em volta acreditassem na pantomina.

Este modelos de FDP possui um senso de autovalorização bastante

elevado, tratando seus próprios feitos profissionais como obras de Monet ou Picasso.

O FDP E O FUTEBOL

Numa das mais exercidas expressões da vida brasileira, é claro que o *filhadaputa* exerce sua *filhadaputice* com impecável saber.

Um bom exemplo está na Seleção Brasileira (esqueça dos cartolas infames e dos falsos ídolos picaretas, por favor). Em geral, enquanto o torcedor comum fica triste por conta do fracasso do escreve nacional, o legítimo filhadaputa abre um largo sorriso professoral: "EU JÁ SABIA". E aqui se comprova que é um *filhadaputa*, porque via os problemas, sabia as soluções, era um verdadeiro gênio, mas nada fez...

Falando em Seleção, lembra daquela turma que ia para as ruas com camisa amarela da CBF (um sinônimo de corrupção) para derrubar o governo? Onde estão? O que fazem?

No futebol local, tem o torcedor *filhadaputa* que, nas derrotas de seu time, some no dia seguinte ou consagra o cinismo: "Por que você está dizendo isso? Eu nem ligo para futebol! Não me amole!". Mas basta o *filhadaputa* do time dele vencer e, como bom *filhadaputa* que é, passará a perturbar todos os amigos, colegas de trabalho, desconhecidos e o cacete, enaltecendo "seu clube do coração".

Arbitragem: quando o árbitro erra a favor do time do *filhadaputa* não é erro, mas acidente. Quando erra contra, *filhadaputa* é o mínimo que o *filhadaputa* diz a respeito do árbitro.

Com tanta gente *filhadaputa* e num futebol *filhadaputa*, é claro que a imprensa esportiva brasileira tem a maior densidade demográfica de *filhasdaputa* em todo o mundo ocidental, pelo menos. Mentem, inventam, distorcem, subvertem e

fazem tudo para que o interesse de seus patrões seja a verdade oficial, mesmo que todos os fatos e evidências apontem a direção contrária.

Virada de mesa é um capítulo especial na história do torcedor *filhadaputa* contemporâneo brasileiro. Já aconteceram inúmeras, mas a parte *filhadaputa* da imprensa esportiva volta e meia edita a história real - e os admiradores dos times que realmente rasgaram regulamentos ficam caladinhos, enquanto a culpa é assumida por outros - e, se fosse o caso de fazer um livro só com o comportamento *filhadaputa* do setor marrom da imprensa brasileira, seria dez vezes maior do que este.

Eu amo o meu time, mas hoje em dia ele tem tantos *filhasdaputa* na torcida que prefiro nem comentar.

O FDP E A ERA DO GELO

Em 1981, uma grande cadeia de *american fast food* começou a operar no Brasil, mais precisamente em Copacabana. Passou a fazer muito sucesso por aqui por vários motivos, um deles pelo tamanho generoso dos copos de refrigerantes de máquina, acima do padrão costumeiro. As crianças sorriam felizes, mas quase ninguém reparava um detalhe essencial: os copões cheios tinham uma boa quantidade de gelo não contabilizada na hora da venda, com evidente lucro para a empresa e prejuízo para o consumidor.

A partir de então, inaugurou-se uma *filhadaputice* orgânica em bares e restaurantes do Rio de Janeiro e de diversas outras cidades brasileiras: a maldita *Era do Gelo*.

Num primeiro momento, todo estabelecimento que vendia refrigerantes e refrescos de máquina usava o gelo pela *filhadaputice* do lucro, trocando a bebida por água congelada. Depois, virou padrão mesmo com as bebidas engarrafadas. Já não havia o lucro com a malandragem no volume, mas o gelo passou a ser mais barato do que a energia elétrica gasta no setor. Então, mesmo que você não queira gelo, ou que ele rapidamente possa aguar a sua bebida, é quase impossível servirem um copo sem ele. Lucro, lucro, lucro e o cliente que se dane.

Se pudessem, colocariam gelo na taça de sorvete.

O FDP E A CONTA ERRADA

Um estandarte da *filhadaputice*: pagando a conta no caixa, o cliente percebe que recebeu o troco a mais, mas mantém um silêncio de mil cemitérios, sai tranquilamente do estabelecimento e parece navegar num barquinho da canção de Bossa Nova, tamanha a própria paz de espírito, que na verdade traduz um verdadeiro espírito de porco safado FDP.

Mas, nesse tipo de evento, o cliente está longe de ser o único *filhadaputa* nos arredores. O que não falta por aí são caixas dando troco a menos por "engano", passando por supermercados, farmácias, açougues, lanchonetes, ônibus e o escambau.

Mesa de bar pode também ser um grande palco para um *filhadaputa*. Tem o que senta, come,

bebe, ri, dá uma desculpa para sair mais cedo e, claro, deixa menos dinheiro do que devia para sua parte na conta. Também tem o que vai até o final e quando alguém diz "Setenta para cada um", saca vinte reais da carteira com enorme tranquilidade e tenta ver se cola, até que alguém lhe cobra e ele, com aquele sorriso amarelo, puxa a nota complementar.

O FDP NO ELEVADOR

Um metro quadrado e meio em média, ou dois. Você desce para ir à padaria ou para o trabalho. O elevador para num andar abaixo daquele onde fica o seu apartamento. A criatura *filhadaputa* entra, olha para a sua cara, não diz uma palavra e te “oferece” as costas. Bom dia, nem pensar.

Você está atrasado para sair, o único elevador funcionando está preso num andar e facilmente se ouve as vozes de pessoas conversando e rindo, segurando a porta do veículo e pouco se lixando com os outros moradores

Você entra no elevador no oitavo andar e, em seguida, ele para no sétimo, sexto, quinto, quarto e terceiro pavimentos sem que ninguém entre. A provável atitude de um

filhadaputa juvenil ou até infantil, ou talvez de um veterano cretino.

A *filhadaputice* não tem pudores com faixa etária. Preconceito, só com os de “classes inferiores”.

O FDP E O TELEFONE CELULAR

Você está no cinema ou no teatro, prestes a ver uma grande cena quando, num súbito, um maldito toque de pagode, música eletrônica ou o tema dos Trapalhões irrompe o silêncio, sucedido por um *filhadaputa* que começa a falar e não está nem aí com o resto da plateia. Às vezes, nem o SHHHHHHHH coletivo resolve.

Em reuniões empresariais, palestras, entrevistas coletivas e outras ocasiões, é impressionante a atitude do ser *filhadaputa* em não deixar o telefone em modo silencioso, além de não ter o menor respeito para com as outras pessoas presentes. Saca da cintura e quase berra...

Com o advento dos modernos smartphones, a *filhadaputice* só aumentou: por exemplo, o camarada quer conversar com sua garota

preferida num restaurante qualquer, mas ela não tira os olhos das malditas redes sociais e do bate-papo. Nas ruas, tem aumentado o número de acidentes em calçadas, no asfalto e outros lugares com pessoas distraídas tropeçando, esbarrando em outros transeuntes e caindo – dia desses, uma pobre coitada andava por uma rua chinesa e escrevia; caiu num rio, morreu afogada, deixou sua família arruinada e perdeu sua própria vida. Inadvertida e involuntariamente, foi uma tremenda *filhadaputa*.

Nas grandes cidades, o telefone celular utilizado nas ruas é um perfeito chamariz para a *filhadaputice* do crime: pode ser furtado, roubado ou até provocar o assassinato do dono do aparelho, tudo por causa de uma das mais sinceras desculpas para a *filhadaputice* brasileira – e mundial também -, chamada dinheiro.

As grandes corporações abusam do espírito *filhadaputa*: mandam mensagens não solicitadas para seus clientes – às vezes nem o são -, bem como promoções permanentes para a venda de serviços inúteis, geralmente com baixos valores iniciais. Basta um clique inadvertido e você terá uma enorme dor de cabeça caso queira cancelar a operação: num mercado *filhadaputa*, comprar é fácil, mas ser bem atendido equivale a encontrar o oásis no deserto.

O FDP NO SERVIÇO PÚBLICO OU PRIVADO

É fundamental pontuar: há muita, mas muita gente boa mesmo empregada no serviço público brasileiro, em todas as esferas e níveis, lutando muito para que as coisas deem certo. Agora, meu amigo/a, quando não é o caso...

A declaração na secretaria da faculdade que leva 15 minutos para fazer e um mês para ser entregue. A cadeira no setor vazia na maioria dos dias por causa de conchavo/acordo com setores mais altos da *filhadaputagem* local. A vergonhosa fila de espera para exames de saúde e transplantes. A ocorrência que precisa ser registrada e é claro que o policial nem está aí para você porque não vai dar em absolutamente nada – sem lucro, nem pensar!

O processo que só anda se aquele agrado forte agilizar a distribuição. A licitação que só sai se o chefe estiver suficientemente feliz para mandar publicá-la. O professor picareta que só aparece na faculdade para dar as provas, se muito, e ainda tem coragem de reprovar alunos. A inspeção do carro que dá problema até se aparecer ácaro a olho nu no banco traseiro. E aquela blitz onde, acontecendo um eventual erro do motorista, seu interlocutor dispara a frase clássica: “Veja aí o que você pode fazer por mim, irmão!”.

No entanto, engana-se de verde, amarelo e panela na mão quem comprar a tese mofadíssima do Estado mínimo por conta da *filhadaputagem* de funcionários. Todo mundo já ouviu ao menos uma história semelhante relacionada ao mercado de trabalho privado.

É o chefe cinquentão que, por coincidência, só tem secretárias lindas com até 22 anos de idade, todas selecionadas por “rigorosos critérios profissionais”. A velha rabugenta e decrépita que se encostou na empresa porque era apadrinhada e acabou ficando de vez, ganhando uma fortuna para não fazer absolutamente nada. O geniozinho pilantra que faz tudo para derrubar os companheiros de trabalho, temendo algum tipo de concorrência.

Corporativismo, clientelismo, panelinhas, sabotagem, inveja e outras pilantragens que independem dos conceitos de público e privado, mas que estão ligadas ao *modus operandi* que vemos em cada esquina deste continente que, um dia, há de se tornar uma nação – e sem golpismo.

O FDP E OS IMPOSTOS

Não há dúvidas: os impostos constituem um verdadeiro exercício de entendimento da *filhadaputagem* à brasileira, tanto de quem os cobra quanto de quem os sonega.

Sempre se recolheu muitos impostos diferentes no Brasil – desde as priscas eras - e é claro que ninguém vê a arrecadação chegar devidamente aos destinos corretos. Porém... eles são muitos também porque muita gente sonega com toda a cara de pau do mundo. E então você fica com a mesma dúvida que permeia a questão ovo versus galinha: são muitos sonegadores porque há muitos impostos cobrados ou se cobra muitos impostos porque há sonegadores demais?

Em números de 2015, os dez maiores devedores da Dívida Ativa da

União respondiam por um buraco de mais de 390 bilhões de reais.

Já em 2017, em plena discussão sobre a reforma da Previdência, 100% impopular, por suposto déficit nas contas de 2016 em torno de 150 bilhões de reais, o total de devedores acumulava um débito do triplo do rombo: 436 bilhões.

Como se vê, há uma distância razoável entre campanhas lideradas pelas grandes manchetes contra a realidade dos fatos – e aí está, claro, uma tremenda *filhadaputagem*.

Especialistas afirmam que, ao contrário do que sempre se pensou, o problema da carga tributária no Brasil não é o de ser a mais alta do mundo (na verdade nem está entre as 30 primeiras), mas sim em perfilar dentre as mais injustas do planeta.

As grandes corporações usam a força política para criar leis que os isentam de impostos — que acabam estourando nas mãos da imensa população assalariada e de classe média. Naturalmente, a grande imprensa silencia este fato porque é beneficiária direta dele.

Por exemplo, no Brasil os tributos que incidem diretamente sobre a propriedade equivaliam em 2013 a cerca de 1,3% do PIB. Já no Canadá, o percentual era de 10%; no Japão, 10,3%; na Coreia do Sul, 11,8% e nos Estados Unidos, 12,5%.

Quando se trata do Imposto Territorial Rural (ITR), que incide sobre a propriedade de terra, arrecada o equivalente a apenas 0,01% do PIB. Ao abrir mão de receber tributos sobre os grandes latifundiários que fazem parte da elite

econômica nacional, o Brasil perde bilhões e bilhões de reais.

É ou não é uma imensa *filhadaputagem* no mais alto grau?

O FDP E A MANIPULAÇÃO DA RELIGIÃO

Pense num país falido, quebrado, golpeado, sem perspectivas a curto e talvez médio prazo, com uma classe política aterrorizante em sua maioria, além de uma elite econômica que quer que brasileiros pobres se danem e morram.

Pense em milhões de pessoas diariamente oprimidas por desemprego, subemprego, assédio, violência, baixa qualidade de vida.

Pense em pessoas sofridas, morando em locais com pouco ou nenhum acesso a serviços regulares consagrados como os de saneamento, água e luz. Na miséria financeira que leva a outras carências absolutas, que dariam um livro inteiro de outras discussões.

Na outra ponta, o grande vetor de informação nacional, chamado televisão. Às seis da manhã, às onze da noite, às cinco da tarde, na TV aberta ou fechada, também na internet através do YouTube. Em N oportunidades diárias, qualquer um pode testemunhar ao menos uma vez as palavras “prosperidade”, “dinheiro” e “felicidade”.

Em alguns casos, verdadeiras corporações econômicas travestidas de igrejas (e, por isso mesmo, isentas de impostos) prometem o caminho venturoso. Basta que, do outro lado da tela, haja quem colabore com a causa em termos de grana, garantindo um lugar no reino da glória depois de uma vida de renúncias, sofrimentos e apertos de todos os tipos.

Esperançosos com uma nova vida depois da vida, vivendo num país desmoronado, milhões de brasileiros

diariamente sustentam o mercado que, claro, tem seus milionários e bilionários no topo da pirâmide, enquanto dezenas de milhões de fiéis pagando o que não têm, às vezes sacrificando as próprias refeições, pela chance de baterem à porta do céu, mas sem nenhum Bob Dylan por perto.

Em nome das religiões e da fé, as grandes corporações detêm “movimentos”, os partidos políticos, os governos, os latifúndios, as indústrias e os meios de comunicação. É tudo muito amplo para às vezes ser entendido porque quem só quer ter a vida menos pior do que tem hoje, e que acaba se apegando à única ilusão de algum futuro.

A *filhadaputagem* vende o que não tem, recebe tudo de quem nada tem e depois ri.

Paulo-Roberto Andel é autor da trilogia “Cenas do Centro do Rio”, de “2014 – O espírito da Copa” e de 12 livros sobre o Fluminense, seu time de coração. Escreve regularmente no blog otraspalabras!.

Este livro foi produzido entre os dias 01 e 11 de janeiro de 2018, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos leitores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

**VILA
REJO**

ri, ele ri.

e acha graça do nazista.

grita no facebook, é o bambã do twitter.

ameaça dar porrada, matar e torturar.

não lê uma lágrima.

ele acha graça da própria ignorância.

e se sente muito espero ao enganar alguém.

ri, ele ri.

finge entender a piada.

finge entender sua estupidez.

finge e ri, no esplendor de sua aridez .

